



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EXPERIÊNCIA COMO CATEGORIA FORMATIVA

Glauber Barros Alves Costa
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: glauberbarros@hotmail.com

Ana Luiza Salgado Cunha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: ana.luiza@uesb.edu.br

Maria Isabel da Silva Pereira
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: mariaisageografa@gmail.com

1392

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como temática a experiência enquanto prática formativa de estudantes de graduação envolvidos em atividades de Extensão Universitária. Entendendo que as experiências formativas são constituintes do sujeito e considerando a universidade enquanto espaço de produção de uma pluralidade de saberes/práticas, destacamos a experiência como eixo fundamental, compreendendo-a enquanto prática formativa, reflexão articuladora de sentidos e significados do vivido, de tessitura de conhecimentos.

Considerando que a Extensão Universitária constituiu-se, historicamente, por meio de tensionamentos políticos e sociais, culminando em diferentes práticas de interação entre comunidade/universidade, o objetivo da pesquisa foi compreender como as práticas formativas constituídas pelas experiências de estudantes extensionistas incidem em sua formação, considerando as diferentes concepções de Extensão que permeiam o espaço universitário.

De acordo com Silva (2003), a universidade, enquanto instituição social, acompanhou o processo de complexificação da sociedade contemporânea, tensionada por diferentes interesses, o que a tornou múltipla e plural. Práticas extensionistas diversas consolidaram as diferentes modalidades de extensão, produzindo um cenário contemporâneo em que coexistem várias perspectivas políticas, teóricas e metodológicas no modo de fazer extensão na universidade. Consideramos que muitas delas impactam diretamente na formação dos(as) estudantes que nelas se envolvem.



METODOLOGIA

Nos caminhos metodológicos, após revisão bibliográfica e documental, optamos pelo Grupo Focal como estratégia de pesquisa, entendendo que esta privilegia a formação de uma rede de interações que oferece oportunidade de trocas e insights num processo comunicativo flexível entre os participantes (GATTI, 2005). A realização do grupo focal exigiu, três passos complementares: a constituição do grupo focal; a operacionalização do encontro; e a organização e análise dos dados. Para a constituição do grupo, foram selecionados participantes¹ em torno de um tema comum: experiência em Extensão Universitária. Os participantes estiveram envolvidos em modalidades de Extensão de acordo com a definição de Silva (2003): Prestação de Serviços; Prática de Difusão Cultural; Ensino; e Outras. A partir dessa classificação dos programas e projetos nas modalidades citadas, os estudantes foram convidados a participar do grupo focal. Foram selecionados 12 participantes por grupo, totalizando 48 estudantes.

Para análise, optamos pela Análise de Conteúdo, após a transcrição das falas das entrevistas realizadas, coube a nós a leitura, a sistematização das primeiras unidades de mensagem e a elaboração de um plano de análise que fundamentou indicadores de interpretação. Em seguida, procedemos à pré-análise do material, organizando o conjunto de enunciados produzidos pelos participantes de maneira literal, para que fossem analisados de modo mais sistemático, permitindo abstrair os assuntos centrais que percorreram os discursos dos participantes em todos os grupos/modalidades (BARDIN, 1977). Optamos pela análise temática, dela surgiram as seguintes categorias: Identidade e pertencimento; Concepção de Extensão Universitária; Produção e hierarquia de saberes; Relação ensino/pesquisa/extensão; Papel do professor. Passamos em seguida para a construção das primeiras inferências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacamos as discussões sobre experiência, oriundas das ideias de Jorge Larrosa (2002), que, numa perspectiva fenomenológica, ressalta que o pensar sobre a educação pela práxis é pensá-la partindo das experiências e dos sentidos. Assim, explica

¹ A escolha dos estudantes deu-se numa análise do último Catálogo de Extensão da UFV, publicação da Pró-Reitoria de Extensão, que apresenta anualmente os programas e projetos de extensão desenvolvidos, informando seus objetivos, procedimentos, resultados e equipe



que a expressão “experiência” vem do latim *experiri*, que significa experimentar o que está fora de nós e que nos toca. Ao tratar sobre a experiência, Larrosa (2002) propõe refletir, numa perspectiva crítica e política, que leve os sujeitos à reflexão pela práxis. Tratamos a experiência do sujeito como categoria, dividindo as falas em grandes temas:

a) Identidade e pertencimento

Diante da solicitação de apresentação, assumem a identidade dos grupos de Extensão Universitária nos quais estão envolvidos, entendendo que a participação de cada estudante no encontro tem como raiz o lugar do qual faz parte enquanto extensionista e dos diferentes projetos de Extensão Universitária que se veem em diálogo num mesmo espaço. Usam o referencial coletivo – o pronome “nós”. Ao criar uma dimensão coletiva do trabalho de Extensão, os estudantes constroem uma identidade de grupo, demarcando comprometimento com os projetos, tecendo suas experiências, incluindo concepções e práticas que tal relação permeia.

b) Concepção de extensão

No início, a explicação sobre extensão universitária foi a da concepção hegemônica e funcionalista referente às propostas historicamente desenvolvidas como assistenciais. Os estudantes entendem bem a diferença entre uma proposta verticalizada e funcionalista, de ‘aplicação’ do conhecimento, e uma proposta de construção: entretanto, as primeiras manifestações se aproximavam muito mais à extensão dessas práticas verticais do que as construções mais horizontais e emancipatórias. Esse tensionamento reflete forte determinação da concepção assistencialista, funcionalista e pragmática da Universidade como lugar do saber legítimo a ser levado para os setores considerados por essa perspectiva como sendo ‘desprivilegiados’ da sociedade.

c) Produção e hierarquia de saberes

Na narrativa do grupo, a relação entre as práticas acadêmicas e saberes são dicotomicamente qualificadas e separadas entre si no espaço universitário, sendo que, em alguns momentos, foram estabelecidas algumas relações entre essas dicotomias; a pesquisa apareceu como possibilidade a ser gerada a partir das atividades de extensão, como sinônimo de produção de artigos científicos a apresentação de trabalhos. Quanto



ao destaque concernente às diferentes possibilidades de saberes, o diálogo foi assumido como uma estratégia de horizontalizar saberes desiguais, hierarquizados, que colocam os sujeitos que os veiculam também em relações desiguais de poder.

d) Relação ensino/pesquisa/extensão

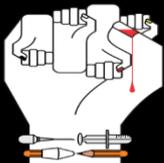
O grupo enfatizou a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, entendendo que, na Extensão Universitária, a articulação acontece nas ações e reflexões por ela permitidas, afinando universidade e comunidade numa perspectiva de trabalho coletivo; entende a Extensão Universitária como oportunidade de agregar saberes e outras possibilidades formativas no espaço acadêmico. Entretanto, ao manterem a dicotomia teoria e prática, reiteravam uma compreensão compartimentalizada, fragmentação que insiste que a extensão é o lugar da prática, o ensino é o lugar da teoria e a pesquisa é o lugar da descoberta e conhecimento.

e) O papel do professor:

O professor surgiu nas narrativas como aquele que viabiliza as propostas e as ações extensionistas, assumindo duas formas: o lugar da orientação e do acompanhamento da realização das propostas extensionistas, desempenhando função formativa; e o lugar burocrático no qual ele é apenas o apoio institucional para o registro de projetos de Extensão. A importância da orientação do professor foi bem localizada, sendo definitiva para que as ações se constituam como ações acadêmicas e as atividades de extensão não sejam baseadas no senso comum e no “achismo” dos estudantes.

CONCLUSÕES

Dos impactos das experiências extensionistas na trajetória formativa dos estudantes deste grupo, destacamos pontos como motivação, desejo, descoberta, emoção e envolvimento de sujeitos e relações diferenciadas, pelos quais o grupo destaca a Extensão Universitária enquanto espaço de ressignificação e formação. Os estudantes valorizam as vivências cotidianas, destacando as experiências em suas dimensões subjetivas com ênfase na formação acadêmica; há uma forte marca afetiva entre os



estudantes e os projetos aos quais se vinculam no momento em que narram coletivamente suas experiências. Segundo eles(as), a prática permitida pelas experiências extensionistas assumem caráter formativo e formador que abre a possibilidade de compreender a formação universitária sob outras perspectivas.

Se as práxis conservadoras continuam habitando a Universidade, as práxis emancipatórias também se refazem nesse mesmo espaço, configurando um território em disputa. Coutinho (1984), ao tratar das ideias de Antônio Gramsci, criticando a universidade a serviço do capital, atribuiu a ela funções políticas como possibilidades de compreensões amplas, políticas, econômicas e culturais, com papel orgânico de formular propostas para uma nova sociedade, com caráter igualitário e emancipatório. Práticas emancipatórias têm provocado mudanças paradigmáticas e assim é que destacamos a Extensão Universitária como espaço privilegiado para a consolidação do conhecimento nos paradigmas, são também micropolíticas construídas nas variedades de ações cotidianas, na pluralização e multiplicidade de lugares nos quais são produzidos os currículos universitários, nos quais os estudantes desenham cotidianamente outros currículos.

1396

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Extensão Universitária. Formação Universitária.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série Pesquisa em Educação; v.10. Brasília: Líber Livro, 2005.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n 19. 20-28. Jan/fev./mar/abr. 2002.

SANTOS, B. S. **A Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3.ed. Questões da Nossa Época. v.11. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, E. W. **Extensão Universitária – concepções e práticas nas universidades gaúchas**. Porto Alegre. UFRGS, maio de 2003. Tese de Doutorado. 2003.

SOUSA, A. L. Lima. **A História da Extensão Universitária**. Alínea: Campinas, 2010.

Realização:



Apoio:

